



Foto feita com filme que faz parte do trabalho autoral da jovem fotógrafa gaúcha Tuane Eggers

Tuane Eggers

NOVA GERAÇÃO SUSTENTA a volta do filme

Jovens fotógrafos que não viveram a era analógica resgatam a sensação de não ver o resultado na hora enquanto clássicos como o Ektachrome são relançados num nicho de mercado que tem consumidores fiéis

POR SÉRGIO BRANCO

O P&B jamais se entregou. Continuou resistindo na penumbra do quarto escuro amparado pela luz vermelha. O negativo colorido, à beira da morte, ressuscitou e vem ganhando força a cada dia. O diapositivo (também chamado de slide ou cromo), desenganado, recebeu até extrema-unição. Mas não passou dessa para melhor. Foi recentemente notícia mundial quando a Kodak Alaris anunciou a

volta do famoso Ektachrome. O fato é que a era digital quase matou o filme. Ele ficou moribundo, mais pra lá do que pra cá, mas não entregou os pontos. De uns tempos para cá virou *cult*. Tem feito a cabeça de jovens fotógrafos e arrancado suspiros dos mais velhos, saudosos do tempo em que não era possível ver a imagem logo após apertar o botão de disparo da câmera.

Se algum tempo atrás falar em fotografia analógica pareceria coisa





Hick Duarte



Lily Sverner

de velho saudosista, atualmente é papo de uma parcela de jovens fotógrafos antenados, que preferem os grãos aos pixels, mas transitam entre os dois mundos sem radicalismos. “Comecei com câmera digital, mas ao longo do tempo me encantei com o universo analógico. Tenho uma Canon EOS 300 e uso negativo colorido”, diz a gaúcha Tuane Eggers, 28 anos, adepta do analógico desde os 23. Já o pernambucano Bernardo Teshima, 24 anos, trocou uma compacta digital que ganhou aos 18 anos por algo mais desafiador: uma antiga Rolleiflex. “Fui desvendando o funcionamento da câmera e me apaixonei pela fotografia analógica. Fiz um curso básico de fotografia e o resto aprendi sozinho, pesquisando na internet e perguntando para fotógrafos mais velhos”, conta.

Se para Tuane e Teshima o filme e a câmera analógica têm uma pegada mais autoral, já que eles também trabalham com o digital, para o mineiro Hick Duar-

te, 27 anos, o filme foi usado inclusive em um ensaio de moda, área de atuação dele, para a grife Cotton Project. “Como a ideia era fotografar um grupo de jovens de modo a parecer um registro de viagem, sugeri o filme porque acho que ele gera textura e cores que têm relação com a marca”, informa Duarte, que escolheu os negativos coloridos Kodak Portra 400 e 160 em 35 mm e 120 mm.

André Corrêa, 44 anos, carioca radicado em São Paulo (SP), lembra que o primeiro grande impulso para a volta do filme foi a moda da lomografia, baseada em câmeras automáticas de baixo custo, que ganhou força em 2010 quando a marca Lomo lançou três modelos na Photokina, em Colônia, Alemanha, a maior feira de fotografia do mundo. “Comprei uma Diana numa viagem ao Chile e daí em diante fui em busca de câmeras antigas e de guias e manuais de técnicas analógicas”, afirma.

Acima, imagem de ensaio de moda realizado por Hick Duarte com filme negativo colorido (à esq.) e Rosângela Andrade, que dá aulas de laboratório P&B para jovens que só conhecem a fotografia digital e se interessam pelo processo analógico